

A ANTROPONÍMIA EM SÃO BERNARDO

Patricia Peroni (UCS)
patriciaperoni@hotmail.com

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é realizar uma análise antroponímica (estudo dos nomes) dos personagens principais do romance *São Bernardo* (1934) de Graciliano Ramos. Os nomes que serão analisados serão os dos protagonistas Dona Glória, Paulo Honório, Madelena e o da própria fazenda São Bernardo. Com esta análise, busca-se identificar se o significado do nome dos personagens diz respeito e é condizente com as atitudes dos mesmos durante a obra. Serão relacionadas essas atitudes e ações com os estudos de região, regionalidade e regionalismos para delimitar em qual dos conceitos cada situação se aplica. Além disso, se procurará, através dessa relação, o significado do nome versus a ação dos personagens; compreender se o meio é influenciado pelos personagens ou os mesmos são fruto do meio em que vivem. A análise dos nomes se baseou em dicionários etimológicos como Guérios (1981), em teóricos como Carvalhinhos (2003) e Dick (1992). Para os estudos de região, privilegiou-se Haesbaert (2009) e Pozenato (2003). O estudo se situa no campo da linguística por se tratar da análise etimológica dos nomes. Como resultado preliminar, percebe-se que existe relação das atitudes dos personagens com seus respectivos nomes.

Palavras-chave: Antroponímia. São Bernardo. Graciliano Ramos.

1. Introdução

O romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, foi escrito em 1934 e pertence ao movimento modernista da segunda geração (1930-1945). O romance retrata o nordeste brasileiro que é afetado pela seca, o que ocasiona a pobreza, o êxodo rural e a luta pela sobrevivência dos sertanejos. O autor, Graciliano Ramos, foi romancista, cronista, contista, jornalista e político brasileiro no século XX. Nasceu em 27 de outubro de 1892 e faleceu em 20 de março de 1953. O objetivo desta análise é verificar se os nomes dos principais personagens influenciam em suas atitudes, crenças e valores. Ainda, pretende-se verificar se existe a influência do meio em que eles vivem para o desfecho das atitudes, estabelecendo-se assim uma ideia e um conceito da região da fazenda de São Bernardo, e busca-se compreender se este meio e esta região também influenciam as atitudes das personagens.

2. A antroponímia e a definição de nome próprio

Situada no campo da onomástica, a antroponímia é a área de estudo que analisa o significado do nome próprio das pessoas. Nesse sentido, a análise busca, dentre outros objetivos, realizar o estudo dos nomes de alguns dos protagonistas da obra. Dentro da análise etimológica podemos receber informações importantes sobre os nomes das pessoas, que podem dizer respeito às suas qualidades, defeitos, preferências e peculiaridades. Entretanto, podemos considerar que, atualmente o nome das pessoas, em sua maioria, não possui mais o significado etimológico diretamente ligado à sua personalidade. Dick (1992) considera o nome próprio em seu aspecto cultural e social, em função de que nessa área de estudo o que mais interessa é a relação que existe entre o nomeador, o objeto nomeado e o seu receptor. O nome próprio é escolhido, muitas vezes, dentro da comunidade por uma razão específica ou simplesmente pela prática de nomeação. O nome dos indivíduos pode ou não mostrar outros motivos, entretanto, na literatura, como é o caso deste artigo, pode existir relação direta entre a escolha dos nomes e o papel que os indivíduos desempenham no romance. Carvalhinhos (2007), nesse sentido, cita que:

Se hoje as sociedades ocidentais apresentam esse fenômeno do esvaziamento semântico nos nomes próprios de pessoas, nestas mesmas sociedades durante a Antiguidade os nomes não eram atribuídos por tradição ou gosto, mas efetivamente havia um motivo ou uma motivação ao fazê-lo, fosse por atributos físicos ou morais que se quisesse imprimir no indivíduo nomeado, fosse por devoção ou pela crença que um nome sagrado ou ligado ao sagrado traria sorte ao portador do mesmo. As motivações que emergem hoje dos antroponímicos pertencentes ao sistema onomástico brasileiro são antiquíssimas, e tais motivos (atualmente não conotativos) podem ser de diversas ordens, como profissões, local de origem, religiosidade, entre outros. (p. 5).

Conforme comentado acima, percebe-se que com o passar dos anos a prática de nomeação vai mudando e sofrendo certo “esvaziamento semântico”, que seria uma perda do significado original encontrado em fontes lexicográficas. Como já citado, por ser um estudo antroponímico, diretamente ligado a uma obra literária é possível estabelecer a relação.

3. Análise dos nomes

O cenário por onde se passa toda a trama chama-se “São Bernardo”, analisaremos o significado do nome “Bernardo”. Segundo o dicionário Guérios (1981, p. 23), Bernardo é um nome bíblico e significa “forte

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

como um urso”. É formado pela junção dos elementos germânicos *ber*, que quer dizer urso, e *hart*, que significa forte.

O espaço é um lugar totalmente destinado ao trabalho. Na fazenda, pode-se perceber que tudo o que existe de belo tem a finalidade de venda. Assim, os moradores do local também veem o espaço como um local “frio” e exclusivamente destinado aos serviços laborais, especialmente pelo seu dono, Paulo Honório. Desse modo, o dono passa a todos os trabalhadores e visitantes o sentimento de que a fazenda é algo sem significado afetivo, e especialmente destinado ao lucro. Vejamos a seguir um momento em que o governador visita a fazenda.

O governador gostou do pomar, das galinhas Orpington, do algodão e da mamona, achou conveniente o gado limosino, pediu-me fotografias e pediu-me onde ficava a escola...e fui mostrar ao ilustre hóspede a serraria, o descaroçador e o estábulo. Expliquei em resumo a prensa, o dínamo, as serras e o banheiro carrapaticida. De repente supus que a escola poderia trazer benevolência do governador para certos favores que eu tencionava solicitar. (RAMOS, 2005, p. 33 e 34)

E fui mostrar ao ilustre hóspede a serraria, o descaroçador e o estábulo. Expliquei em resumo a prensa, o dínamo, as serras e o banheiro carrapaticida. De repente supus que a escola poderia trazer benevolência do governador para certos favores que eu tencionava solicitar. (RAMOS, 2005, p. 33)

Conforme podemos perceber através das citações acima, a fazenda é o local usado para se conseguir favores e benefícios. Tudo o que tem construído nela tem o objetivo de agradar o governador para assim conseguir alguma coisa em troca. Nesse sentido, o espaço precisa ser forte para poder suportar essa desumanização com o ambiente.

Madalena, segundo Guérios (1981) significa “a que vive na torre de Deus”, “habitante de Magdala”. Magdala era o nome de uma aldeia junto ao Mar da Galileia, que em hebraico significa “torre”. Ainda, refere-se também ao nome cristão Santa Maria Madalena. A personagem, como o próprio nome sugere é uma pessoa muito doce, amável, que sonha em ter uma vida romântica, viver no campo e ajudar à comunidade. Durante todo o romance, o seu sentimento de benevolência prevalece até o momento em que seu esposo começa a criticar as suas atitudes que tinham como objetivo ajudar aos necessitados e as crianças da escola.

A seguir podemos ver um momento onde Madalena estava muito feliz com a ideia de ter uma vida no campo. O trecho abaixo revela um dos primeiros momentos onde eles conversam e discutem a vida a dois.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

– Parece que nos entendemos. Sempre desejei viver no campo, acordar cedo, cuidar de um jardim. Há lá um jardim, não? Mas por que não espera mais um pouco? Para ser franca, não sinto amor.

– Ora essa! Se a senhora dissesse que sentia isso, eu não acreditava. E não gosto de gente que se apaixona e toma resoluções às cegas. Especialmente uma resolução como esta. Vamos marcar o dia. (RAMOS, 2005, p. 70)

Toda essa “sede” de felicidade termina quando Paulo Honório expõe para Madalena que não tem interesse em ajudar às pessoas e que seu único interesse em melhorar a escola é político para mostrar ao governador os investimentos e assim obter benefícios. Além disso, seu esposo a acusa de traição e pouco a pouco faz com que Madalena vá entrando em uma profunda tristeza. A seguir podemos ver um dos momentos em que Madalena estava em seu quarto chorando de tristeza em função de tudo o que estava vivendo na fazenda.

Madalena chorava, chorava, até que por fim, cansada de chorar, pegava no sono. Encolhia-me à beira da cama, para evitar o contato dela. Quando ia adormecendo, percebia o ranger de chave em fechadura e o rumor de telhas arastadas. Despertava num sobressalto e continha a respiração. Quem estaria futucando portas? Quem estaria destelhando a casa? (RAMOS, 2005, p. 97)

O personagem principal do romance, Paulo, ainda segundo Guérios (1981) tem origem no latim Paullus, que significa pequeno, de baixa estatura. Tornou-se popular através de São Paulo da Igreja Católica. O nome Honório significa “homem honrado”, “homem de reputação”. Tem origem no latim Honoriu, formado pela junção da palavra honor que significa honra e com o sufixo *io*, assim, lê-se, homem honrado, homem de reputação. Antes de analisarmos as atitudes do personagem dentro do romance, podemos perceber que através do significado do nome do protagonista existe uma mescla de pequenez com honra e reputação.

Paulo conquista a fazenda de São Bernardo após muito trabalho. Ele teve uma infância pobre e sofrida e para ele o trabalho é o mais importante. Acumular riquezas e ter posses é o que move sua vida, no entanto, essa ambição torna Paulo Honório numa pessoa muito rancorosa, sem amor pelas pessoas e sem compaixão nem sequer pelo seu filho. Ele trata os trabalhadores da fazenda como apenas um número a mais, sem preocupar-se com o bem-estar dos mesmos e suas necessidades conforme podemos perceber no trecho a seguir:

Aqui nos dias santos surgem viagens, doenças e outros pretextos para o trabalhador gazer. O domingo é perdido, o sábado também se perde, por causa da feira, a semana tem apenas cinco dias, que a Igreja ainda reduz. O resul-

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

tado é a paga encolher e essa cambada viver com a barriga tinindo. (RAMOS, 2005, p. 41)

A obra ainda aponta momentos em que ele pede para que façam seu filho parar de chorar, como se seu filho fosse um incômodo ou uma pessoa que ele não conhecesse. Durante todos os momentos ele pensa em beneficiar-se através de tudo que tinha ao seu redor, não pensando em nenhum instante nas pessoas que habitavam a fazenda e sua própria casa, apenas nele mesmo e nos lucros. Percebe-se que a desumanização da personagem ocorre desde o início e que após a morte de sua esposa ele mesmo percebe que não aproveitou sua vida e vê-se como uma pessoa “rude”, uma pessoa “pequena” assim como o nome sugere. No final da obra, ele mesmo sugere que parte da decadência de Madalena foi sua culpa em função de seu modo de ser e de viver como podemos ver abaixo.

Madalena entrou aqui cheia de bons sentimentos e bons propósitos. Os sentimentos e os propósitos esbarraram com a minha brutalidade e o meu egoísmo. Creio que nem sempre fui egoísta e brutal. A profissão é que me deu qualidades tão ruins. E a desconfiança terrível que me aponta inimigos em toda a parte! A desconfiança é também consequência da profissão. Foi este modo de vida que me inutilizou. Sou um aleijado. Devo ter um coração miúdo, lacunas no cérebro, nervos diferentes dos nervos dos outros homens. E um nariz enorme, uma boca enorme, dedos enormes. (RAMOS, 2005, p. 147)

A seguir podemos analisar um dos momentos em que Madalena busca auxiliar a escola e recebe de Paulo Honório a informação que não era necessário em função de ele ter aprendido a ler na cadeia com uma bíblia de capa preta, mas que, mesmo assim faria a compra para mostrar para os políticos.

Foi à escola, criticou o método de ensino do Padilha e entrou a amolar-me reclamando um globo, mapas, outros arreios que não menciono porque não quero tomar o incômodo de examinar ali o arquivo. Um dia, distraidamente, ordenei a encomenda. Quando a fatura chegou, tremi. Um buraco: seis contos de réis. Seis contos de folhetos, cartões e pedacinhos de tábua para os filhos dos trabalhadores. Calculem. Uma dinheirama tão grande gasta por um homem que aprendeu leitura na cadeia, em carta de ABC, em almanaques, numa Bíblia de capa preta, dos bodes. Mas contive-me. Contive-me porque tinha feito tenção de evitar dissidências com minha mulher e porque imaginei mostrar aquelas complicações ao governador quando ele aparecesse aqui. Em todo o caso, era despesa supérflua. (RAMOS, 2005, p. 43)

É por atitudes assim que Madalena vai se desiludindo e desistindo de ajudar, entrando em um estado de profunda indignação e tristeza que não consegue superar. Além disso, no momento do nascimento de seu fi-

lho, Paulo Honório não demonstra nenhuma sensibilidade, apenas preocupa-se com o choro da criança.

Ergui-me bocejando. O que eu estava era cansado. O dia inteiro no campo, inquirindo, esmiuçando. Senti as pernas bambas. Cansado. A noite chegava. Um pretume no interior da casa. Lembrei-me do dínamo encrocado. Mais esta. Deixei o alpendre e entrei:

– Maria das Dores, acenda os candeeiros.

O pequeno berrava como bezerro desmamado.

Não me contive: voltei e gritei para Dona Glória e Madalena: – Vão ver aquele infeliz. Isso tem jeito?

Aí na prosa, e pode o mundo vir abaixo.

A criança esgoelando-se!

Madalena tinha tido menino. (RAMOS, 2005, p. 123).

Dona Glória, ainda segundo o mesmo dicionário significa “glória”, “honra”. Derivado do latim, Glória é um nome de origem religiosa e influenciado por uma das invocações da Virgem Maria no culto a Nossa Senhora. Dona Glória acompanha sua sobrinha na fazenda de São Bernardo, é apenas sua tia, mas a trata e a criou como filha. A tia de Madalena é acostumada à vida na cidade e quando descobre que sua sobrinha irá morar na fazenda fica muito triste, pois detesta a vida rural, podemos ver o sentimento de desaprovação no trecho abaixo.

– O senhor mora na capital?

– Não, moro no interior.

– Em Viçosa?

– É.

– Eu também, há pouco tempo. Mas cidade pequena. Horrível, não é?

– A cidade pequena? E a grande. Tudo é horrível. Gosto de campo, entende? Do campo.

– Mato? Santo Deus! Mato só para bicho. E o senhor vive no mato?

– Em São Bernardo.

D. Glória não conhecia S. Bernardo, e essa ignorância me ofendeu, porque para mim S. Bernardo era o lugar mais importante do mundo.

– Uma boa fazenda. Não há lá essa água podre que se bebe por aí. Lama.

Não senhora, há conforto, há higiene.

D. Glória retificou a espinha, ergueu a voz e desfez o ar apoucado:

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

– Não me dou. Nasci na cidade, criei-me na cidade. Saindo daí, sou como um peixe fora da água. Tanto que estive cavando transferência para um grupo da capital. Mas é preciso muito pistolão. Promessas. (RAMOS, 2005, p. 85).

A personagem Dona Glória não tem uma presença muito marcante na obra, apenas manifesta-se nos momentos que quer enfatizar o seu descontentamento. Após a morte de sua sobrinha ela volta imediatamente para a cidade.

4. *O espaço e a sua relação com as personagens*

Todos os personagens citados acima pertencem ao mesmo espaço físico: a fazenda São Bernardo. O espaço, como já analisado, tem a finalidade de ser um local para a lucratividade, assim, torna-se um local cuja finalidade é o trabalho, o lucro e não o bem-estar dos indivíduos que ali habitam. A respeito do espaço, da região, vejamos as considerações de Haesbert (2010):

A “identidade de uma região” se refere “às características de natureza, cultura e dos habitantes que distinguem ou, de fato, podem ser usadas nos discursos da ciência, da política, do ativismo cultural ou da economia para distinguir a região frente às demais”, através de classificações que excluem determinados elementos e incluem outros, expressando assim “o poder de delimitar, nomear e simbolizar o espaço e grupos de pessoas” (PAASI, 2002b, p. 140). Por outro lado, a “identidade” ou “consciência” regional – ou, se quisermos, também, num certo sentido, regionalidade – envolve a identificação dos habitantes com sua região, tanto dentro quanto fora dela. Participam na sua construção ativistas sociais, instituições e organizações etc. (HAESBERT, 2010. p. 19)

Percebe-se que as personagens possuem a identidade da região, na medida em que elas entram em contato com o espaço físico da fazenda acabam adquirindo os mesmos hábitos dos que já habitam nela. Mesmo que tentem lutar contra, como no caso de Madalena, o espaço não é favorável e ela acaba se rendendo às coisas ruins que lá acontecem o que resulta em sua morte.

5. *Considerações finais*

Graciliano Ramos conseguiu escolher os nomes dos personagens de acordo com o desempenho individual de cada um na obra. Os nomes dizem respeito às suas atitudes, crenças e valores e essas características que fazem referência ao nome são facilmente identificadas. Em síntese, podemos considerar que Paulo Honório faz jus ao seu significado de

“pequenez” em função de toda a sua trajetória no livro, desumanização e superioridade em relação às pessoas que convive. Além disso, quer manter a sua honra não auxiliando sua esposa e nem a nenhuma pessoa das quais convivia. Sua honra sempre foi relacionada aos interesses políticos de seus acordos com o governador e relacionada ao dinheiro que conquistava com a venda de produtos que existiam em São Bernardo. Madalena, uma pessoa que buscava ajudar aos que convivem ao seu redor, na escola buscando melhorias na infraestrutura e no método de ensino, e com as moradoras locais doando seus vestidos e com os trabalhadores da fazenda dando palpites a Paulo Honório para que os mesmos pudessem trabalhar menos e ter mais direitos. Assim, também faz referência ao seu nome no sentido da benevolência e doação. Dona Glória faz jus ao nome no sentido de ter honra, ela não se deixa influenciar pelo meio e mantém seu posicionamento durante todo o tempo, como forma de manter sua “aparência”, sua “honra” e seus desejos. É possível identificar que a decadência da Madalena tem como principal responsável Paulo Honório, mas que, assim como ele, sua tia também buscava sua honra, assim, nenhum dos dois conseguia auxiliar a apoiar Madalena. Paulo Honório e dona Glória viviam em constante conflito, por serem em sua essência “iguais”, não conseguem conviver em harmonia por esta razão e também não conseguem ajudar a Madalena que de certa forma, está “sozinha” na fazenda.

Assim, podemos considerar que o meio tem influência sobre as personagens, o ambiente seco e destinado a gerar dinheiro torna as pessoas desumanizadas com relação ao ser humano. Mesmo que lutem contra o ambiente, como no caso de Madalena, não conseguem, pois as forças contrárias são muito maiores. Mesmo quem busca não se influenciar, como o caso de Dona Glória, acaba se desumanizando também no sentido contrário, de buscar afastamento. Então, de um modo geral, podemos considerar que quem não se junta ao meio e se transforma num personagem característico do ambiente acaba saindo dele por não se adequar às “regras” de convivência locais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 3. ed. São Paulo: Ave Maria, 1981.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

HAESBAERT, Rogério. Região, regionalização e regionalidade: questões contemporâneas. *Antares*, Caxias do Sul, n. 2, p. 27-60, jul./dez. 2009.

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. 81. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SANTOS, Rafael José dos. Relatos de regionalidade: tessituras da cultura. *Antares*, Caxias do Sul, n. 3, p. 2-24, jan./jun. 2010.